

Capítulo I

Chester, Inglaterra, 1806

O ar da noite pairava úmido no cemitério, com uma gélida névoa envolvendo os contornos das sepulturas e das criptas silenciosas.

O vigia da noite aceitou seu suborno e saiu.

— Vinte minutos — avisou. — Nada mais.

Eles precisariam de cada segundo e, portanto, trataram de agir depressa. Dedos sujos tatearam em torno de uma tumba recém-lacrada, em busca de uma fresta onde inserir uma barra de ferro. A barra de metal enferrujado grunhiu entre as paredes de pedra e a porta de ferro, e a tranca cedeu com um baque ruidoso, o lacre se partindo.

Os homens empurraram com força, até que a porta começou a se abrir lentamente, desprendendo o ar fétido de antigos restos mortais.

Um pequeno lampião foi aceso, revelando dois corpos masculinos. Um deles morto havia alguns dias, inchado, rijo e acinzentado; o outro colocado sobre uma laje de pedra apenas naquela manhã, descorado e inerte.

Os ladrões despiram os corpos antes de colocá-los em sacos de estopa, ofegando com os esforços, alheios ao mau cheiro. Já em estado de decomposição, o cadáver mais velho

renderia apenas metade do preço, mas com a quantia equivalendo a três meses do salário normal deles, ainda valia o risco. O que estava fresco, porém, renderia o dobro, e havia sido em busca dele que tinham ido lá.

O espécime era excelente: um homem de aproximadamente trinta anos, de corpo musculoso e desprovido de ferimentos.

Um sino abafado tocou duas vezes em sinal de alerta. Os ladrões atiraram os corpos ensacados por cima dos ombros e apagaram o lampião.

Desaparecendo na escuridão, desceram as colinas ondulantes correndo até o pinheiral onde haviam escondido sua carroça.

Com trapos amarrados aos cascos dos cavalos para abafar o som, conduziram sua carga macabra pela área rural, deixando a cidade murada de Chester para trás enquanto prosseguiram até o rio Dee.

Entre assobios e puxões, instigaram os cavalos a subir com a carroça na pequena balsa. Uma vez a bordo, ocuparam-se em firmar as rodas com cordas grossas. Remaram, então, em direção oeste pelo rio até cruzarem a fronteira com o País de Gales.

Chegando do outro lado, conduziram a carroça por uma trilha estreita que levava através do vale entre duas montanhas escarpadas. Pequenos pontos de luz amarelos avistavam-se na distância: o vilarejo de Penarlâg.

Prosseguiram, passando por campos escuros e enevoados com ovelhas e muros de pedra cobertos de limo. Nas imediações a norte do vilarejo adormecido, situava-se a propriedade quase em ruínas de Rhys Gawain.

Carregando os corpos até os fundos da casa, os ladrões largaram-nos à porta. Um alcançou a corda pendurada ao lado e tocou o sino. Esperaram um longo tempo antes de tocá-lo outra vez. Pela recompensa que os corpos

propiciariam, esperariam a noite inteira.

A porta finalmente foi aberta, revelando uma jovem de aspecto desgrenhado pelo sono. Sob a luz amarelada dos lampiões, os olhos acinzentados dela eram translúcidos, os cabelos negros como ébano brilhavam com uma mecha branca, como um raio cortando um céu escuro. Havia muito, os aldeões a chamavam de bruxa, atribuindo sua aparência estranha a um pacto feito com o próprio Satã.

Olwyn Gawain arqueou uma sobrancelha, enquanto olhava para o amontoado no chão. Sua expressão zombeteira fez os homens recuar um passo.

— Dois?

— Sim — confirmou um dos ladrões, chutando um dos corpos com a ponta da bota. — O grandalhão é carne fresca. Acabou de ser sepultado está manhã.

— Vou buscar o pagamento de vocês. — Ela se ausentou apenas por um instante, voltando com um pequeno saco de couro. Entregando-o, instruiu: — Voltem daqui a uma quinzena se conseguirem encontrar uma mulher.

Enquanto os ladrões partiam, ouviram um ruído que pareceu um misto de riso e soluço, desaparecendo feito névoa na noite fria e escura. Os dois se entreolharam e, sem uma palavra, afastaram-se depressa.

Os mortos pútridos não eram nem de longe tão assustadores quanto uma bruxa viva.

Olwyn ajeitou melhor o robe em torno de si, com o frio da madrugada fazendo-a ansiar por um fogo de turfa e um chá quente. Mas com os dois corpos junto à porta dos fundos, não tinha tempo para tais luxos. Adiantando-se rapidamente pelos corredores de pedra de superfície esfarelada e pela escada em caracol que levava aos aposentos principais, preparou-se mentalmente para o que viria. Bateu com força

à porta do pai.

Ofegante, obrigou-se a se acalmar, esperando com temor para descobrir qual era a encarnação do pai que a receberia.

Poucos momentos se passaram antes que Rhys abrisse a porta. Olwyn notou de imediato que ele usava um camisolão relativamente limpo, abotoado até o queixo. Os olhos pretos, atentos como os de um falcão brilhavam, límpidos e aguçados, sob as sobrancelhas grossas e escuras. Uma onda de alívio deu lugar à apreensão de Olwyn.

Não se desculpou por tê-lo acordado. O pai, com certeza, teria ficado furioso se ela não o fizesse.

— Temos uma entrega. São dois desta vez.

— Dois? Bem, então, ficaremos bastante ocupados, não é mesmo, garota? Muito bom. — Rhys esfregava as mãos para afastar o frio. — Acorde Drystan. Vou colocar minhas roupas de trabalho e encontrarei vocês lá em baixo.

Olwyn não objetou, embora tivesse a impressão de que o coração saltaria pela boca. Obedeceu, indo bater à porta de Drystan. Como ele geralmente estava bêbado nas noites em que não trabalhava, custou a acordar. Quando abriu a porta, os odores de pele por lavar, roupas de cama sujas e arrotos impregnavam o ar ao seu redor.

Ouvindo o aviso dela, grunhiu em resposta e seguiu pelo corredor. Como parte de suas incumbências, Drystan colocaria os corpos para dentro, os retiraria dos sacos de estopa e os estenderia em mesas estreitas no porão.

Depois que ele se foi, Olwyn seguiu rapidamente pelo casarão antigo e úmido até chegar à escada em espiral que levava aos seus aposentos. Pegando a chave do cordão que levava ao pescoço, destrancou a porta. Um grupo de três pequenos cômodos aquecidos por uma lareira central compunha o santuário de Olwyn. Havia apenas três janelas

estreitas e em arco, com vidros manchados e antigos, as quais ela deixava descobertas para que a luz do sol entrasse. O quarto cheirava a incenso. Acendia um pouquinho a cada noite, seu único luxo, a fim de afastar os pesadelos. A fumaça perfumada impregnava-se em tudo ali, criando um ambiente só seu.

Ela trancou a porta tão logo entrou, um hábito necessário desde que Drystan passara a olhá-la com crescente interesse.

Sozinha nos aposentos, soltou um suspiro de resignação. A tarefa que a esperava não era nada agradável. Mas, um dia, prometeu a si mesma, escaparia. Precisava acreditar naquilo, ou sucumbiria à insanidade.

Acima da porta principal, o sino de latão soou. Era preso a um cordão que descia até os andares inferiores, para que pudesse ser chamada. Os poucos criados haviam sido dispensados muito tempo antes e, portanto, era ela a ser chamada para as tarefas.

Vestiu-se depressa, colocando uma combinação simples de musselina, que era fácil de ser lavada, e duas grossas túnicas de lã, puídas após inúmeras lavagens. Prendeu os cabelos longos numa trança prática, que pendia ao longo das costas. Sobre as meias de tricô, calçou botas grossas feitas de pele de cordeiro, que eram amarradas na altura dos joelhos. O chão do calabouço era frio o bastante para extrair rapidamente o calor dos vivos.

Os que acreditavam que o inferno era quente nunca tinham entrado no pesadelo gélido de seu pai.

Olwyn apanhou seu punhal, prendendo-o no cinto, pegou a pistola e colocou-a na cintura junto às costas.

O sino tocou novamente, agora cinco vezes numa rápida sucessão que transmitia irritação e obsessão maníaca. Olwyn apressou-se.

O momento de voltar ao pesadelo chegava outra vez.

— Você demorou demais, garota — resmungou Rhys quando a filha entrou. Nem sequer desviou os olhos do cadáver nu a sua frente. Apenas fez um gesto na direção do outro. — Comece com aquele ali. Este precisa ser aberto imediatamente. Só pode ser aproveitado durante mais um dia ou dois.

Drystan arrastara os corpos até onde outrora havia sido um calabouço, situado na parte mais antiga do casarão. Era agora a sala de trabalho de Rhys, pois o frio intenso contribuía para a melhor conservação dos corpos.

O lugar de paredes e chão de pedra úmidos, porém, conservava suas antigas características, como as pequenas celas com barras de ferro, agora contendo prateleiras onde o pai guardava órgãos e cérebros preservados numa solução, e logo acima uma antiga gaiola de ferro suspensa do teto usada em outros tempos por proprietários antigos para trancafiar loucos.

Também havia sido usada para Olwyn, numa noite escura quando sua fuga fora impedida. Depois que os cães a haviam atacado na divisa da propriedade, o pai a arrastara de volta e a prendera na gaiola. Uma lição, dissera ele, para uma garota que ousara abandonar o último membro de sua família.

Ela evitava olhar para a gaiola. Continha lembranças da pior noite de sua vida, ferida, apavorada, e sozinha no calabouço escuro e fétido com os ratos. Agora, ela podia acertá-los de longe com a pistola ou o punhal, e os robustos roedores pareciam saber disso também, pois corriam para se ocultar nas sombras sempre que ela entrava.

Estremecendo só em pensar nas abjetas criaturas, Olwyn adiantou-se até a mesa de pedra onde estava o outro corpo, como o pai instruíra, bloqueando da mente os sons do trabalho dele e concentrando-se no seu.

O corpo era de um homem com idade entre vinte e cinco e trinta anos. Era forte e vigoroso, com músculos bem-definidos e tinha o aspecto de quem estivera em perfeita saúde no momento de sua morte.

Ela correu os olhos pelo corpo nu, observando os detalhes. Uma cicatriz no braço, uma marca de nascença na coxa, pelos de um tom louro escuro acima do longo pênis, flácido.

Se um dia encontrasse um homem que não a temesse como bruxa, ao menos poderia ir para sua cama sem que ela temesse a nudez dele. Rhys não cobria os órgãos sexuais dos mortos para preservar a inocência da filha. Sua determinação em descobrir por que o corpo humano envelhecia, sucumbia à doença e, por fim, morria, o obcecava sobremaneira. Tudo o mais que dizia respeito aos vivos era uma questão de meros detalhes aos quais não prestava a menor atenção.

Esforzando-se para ignorar os ruídos do trabalho de Rhys, ela manteve os olhos no corpo diante de si. Estava morto havia pouco tempo, não apresentando quaisquer sinais de rigidez. Sentiu uma onda de tristeza, como costumava acontecer sempre que via alguém que se fora na flor da idade. Imaginou a dor dos familiares dele.

Tornou a correr os olhos pelo corpo nu do homem. Mesmo em sua morte era bonito, com seus cabelos loiro-escuros e traços benfeitos. Na verdade, era quase como se estivesse apenas adormecido.

Apanhando seus papéis e lápis de carvão, Olwyn lamentou ter de desenhá-lo daquela maneira e não como o homem vigoroso e cheio de vida e riso que devia ter sido. Com um suspiro, trabalhou depressa, retratando-o exatamente como estava.

— Garota, veja isto! — exclamou o pai, e Olwyn obedeceu, deixando os papéis de lado e aproximando-se da outra

mesa. — Veja o fígado. E olhe para o nariz dele, bulboso e cheio de veias. Já vi essa ligação antes. Acho que estou descobrindo algo aqui. — Seus olhos brilhavam, febris, com uma expressão que se assemelhava à loucura. — Preciso do fígado do outro homem para fazer a comparação. Drystan! Traga as minhas balanças. Já terminou o seu desenho, garota?

— Quase. Levarei mais uns dez minutos, papai. — Ela aprendera a trabalhar depressa, mas ele esperava o impossível.

— Ótimo. Espere. Não. O outro pode aguardar um momento. Venha desenhar o fígado como está agora, para que eu possa usar o desenho como referência depois.

Olwyn mal terminou o novo desenho, e o pai o arrancou de suas mãos, acrescentando freneticamente as suas anotações quanto às características do órgão.

Ela afastou-se o mais depressa que pôde, dominada por uma onda de repulsa, enquanto Rhys retomava o trabalho. Não haveria quantidade de horas no mundo auxiliando o pai que a deixasse indiferente e a fizesse superar a aversão.

Quando desenhava, procurava fazê-lo com o máximo de distanciamento emocional possível e, embora fosse minuciosa nos desenhos, fazia de conta que não estava realmente ali.

A pior parte, porém, era o trabalho em si de Rhys, e ela se desdobrava para suportar testemunhá-lo.

Imediatamente, voltou a desenhar o outro homem. Capturou sua perfeição masculina no papel e não pôde deixar de sentir pesar e angústia diante do que aconteceria. Que desgosto teria sido para a família se pudesse saber que o corpo de seu filho estava prestes a ser violado.

Uma súbita vontade de proteger o homem dominou-a. Quis cobrir sua nudez, defendê-lo das facas e serras de seu pai e providenciar para que voltasse ao seu repouso

apropriado. Ele não merecia um fim tão brutal.

Mas ainda enquanto tal pensamento ocorria, Rhys já se aproximava com seus instrumentos. Não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-lo. Rhys gastava até seu último níquel restante em cadáveres, mas não era um anatomista comum trabalhando em nome da ciência. Obcecado como estava, não deixaria de examinar um corpo apenas porque a filha não queria que o violasse de tal forma.

A vontade, as necessidades e os desejos de Olwyn haviam cessado de existir no dia em que o irmão dela morrera. Naquele dia, Rhys se tornara um homem obcecado em sua busca pela chave da vida e pelo motivo para a morte.

Criados foram dispensados; a comida, racionada; e qualquer luxo, negado. E a mãe de Olwyn, Talfryn, fugira para nunca mais voltar. Ela fora deixada com o pai, abandonada como uma prisioneira.

Deixando os instrumentos de lado, Rhys examinou primeiramente o corpo em minuciosos detalhes.

— Não há marca alguma nele — disse. Sem que o pai mandasse, Olwyn começou a anotar suas palavras. — Não há indício visível de doença, nem escoriações ou quaisquer sinais de ferimentos. Nenhuma marca física indicando a causa da morte.

Ele fez uma pausa para verificar o relógio de bolso e virou-se para Drystan, instruindo-o a ir preparar seu desjejum. Virou-se, então, de volta para o homem na mesa de pedra.

— Bem, vamos começar.

Rhys apalpou o peito e o abdômen do corpo antes de se munir de sua faca. Olwyn conteve a respiração e fez uma prece silenciosa pela família do homem, pedindo para que nunca soubessem o que acontecera com seu belo filho e corpo perfeito. Colocando-se do outro lado da mesa, pegou a mão do homem e segurou-a com força, embora estivesse

tão fria quanto a cripta de onde fora tirado. Sem poder evitar, lágrimas marejaram seus olhos enquanto Rhys posicionava a ponta da lâmina no centro do peito do homem.

Então, pai e filha soltaram uma exclamação chocada e gelaram no lugar, enquanto sangue brotava da pequena incisão.

Cadáveres não sangram. Apenas um coração batendo bombeia sangue por um corpo.

Olwyn virou-se para o pai com os olhos arregalados.

— Ele está vivo — sussurrou, apavorada.

Rhys afastou a faca e observou o sangue escorrendo pelo peito do homem, prova incontestável de vida. Parecia em transe e, quando tornou a fitar a filha, seus olhos estavam vidrados.

— Preciso do fígado dele — falou com tanta determinação que o sangue de Olwyn gelou. — Vá para o seu quarto, garota.

Capítulo II

— Não! — exclamou Olwyn, horrorizada. — Isso é assassinato.

Rhys não se moveu, mas sua voz endureceu, impiedosa.

— É um trabalho necessário o que estou fazendo, garota. Agora, saia daqui e deixe que eu cuido disto.

— Não posso. Não sairei. — Olwyn pousou as mãos sobre o ferimento que sangrava. O peito do homem estava excessivamente frio e não havia batimentos cardíacos perceptíveis. Mas ele estava vivo. O sangue era prova disso. — Se o senhor assassinar este homem, eu revelarei a todos.

— Ninguém acreditaria em você — declarou Rhys com convicção e um brilho sinistro nos olhos. — Todos acham que você é uma bruxa, ao passo que eu sou um anatomista respeitado.

— Eles acham que o senhor é um demônio carniceiro — retorquiu Olwyn sem hesitar. — Temem que, quando olha para eles, é com o anseio de retalhá-los por dentro.

— E olho. — Rhys sorriu com uma expressão macabra que condizia com a acusação da filha. — Somos todos carne sobre pés, garota. Algum dia, encontrarei a parte secreta que faz tudo funcionar. A essência de nossa humanidade. Tem de estar aí dentro. — Ele olhou para o homem cujo

corpo se agarrava ao mais tênue fio de vida. — Aqui está um homem à beira do precipício. Qual é a parte de seu corpo que controla o momento da queda?

— Talvez seja Deus, e o senhor não tem o direito de interferir.

Rhys mergulhou o dedo no sangue, esfregou-o como se quisesse sentir a textura, aproximou-o do nariz e cheirou-o.

— Ele está quase morto. Sinta como sua pele está fria e sem vida. Até o sangue está frio. Não durará muito. Mas pense na oportunidade aqui. Explorar e ver se consigo encontrar o elo entre o espírito e a carne. Esse é o trabalho da minha vida, garota. Este é o momento pelo qual estive esperando.

Olwyn inclinou-se para a frente, protegendo o homem com seu corpo. Encontrou os olhos do pai e ousou ameaçá-lo.

— Faça-lhe algum mal, e eu juro, exporei o senhor primeiro diante de todos e, depois, tirarei minha própria vida. Não viverei na casa de um assassino, nem viverei com isso dentro na minha própria consciência. Preferiria morrer.

Drystan entrou de volta no calabouço com canecas e pratos sacolejando numa bandeja. Pousou-a numa pequena mesa de trabalho antes de se aproximar do homem que sangrava.

— Ainda não está morto? — indagou, surpreso.

Olwyn ignorou-o. Manteve o olhar fixo em Rhys, estudando-o intensamente. Sabia que não devia demonstrar medo, nem fraqueza. Só não sabia quanto significava para o pai, considerando a maneira como sua busca o obcecava.

Esperando que ele não tivesse perdido o juízo por completo, fez um gesto na direção do cadáver parcialmente dissecado na outra mesa.

— Acabe seu serviço naquele corpo antes que o cheiro o obrigue a enterrá-lo. Deixe este homem comigo. Cuidarei

dele durante alguns dias. Se morrer, será seu, e nenhum assassinato ou suicídio manchará a sua consciência.

— Não receberei ordens, nem ameaças da minha própria filha! — retrucou Rhys com a faca posicionada perigosamente acima do abdômen do homem estendido na mesa entre ambos. — Como se atreve?

Olwyn mudou de tática.

— Papai, eu suplico. Se significa algo para o senhor, qualquer coisa, poupe a vida deste homem por mim. Por favor, estou implorando.

Sob a luz amarelada dos lampiões de sebo, Olwyn viu uma mudança nos olhos do pai. Pareceu magoado e talvez um tanto constrangido.

— Você jamais se pareceu tanto com a sua mãe quanto neste momento.

— Não sou como ela.

— Você acha que sou um monstro. — Rhys soou distante, mas continuava a segurar o cabo da faca com firmeza acima da barriga do homem. — Se pudesse ter ido embora com ela, você também teria me deixado? Diga a verdade.

Olwyn se lembrava do dia em que Talfryn deixara o casarão. O dia amanhecera como sempre, mas havia algo errado. As lareiras tinham sido acesas, o desjejum servido, mas a senhora da casa não se achava à mesa e o pai estava sentado de cabeça baixa. Virou-se para Olwyn, então com apenas treze anos:

— Você é a senhora da casa agora.

E agora o pai ousava fazer a pergunta que pairara entre ambos durante todos aqueles anos. Ela teria partido com a mãe se esta lhe tivesse pedido para ir junto?

A dor causada pelo abandono de Talfryn nunca se dissipara. Nem tampouco o anseio pelo carinho, riso e presença da mãe.

— É claro que não, papai — mentiu Olwyn. Em vez

da verdade, disse exatamente o que sabia que Rhys queria ouvir. — Minha lealdade é para com o senhor. Sou Olwyn Gawain, a orgulhosa filha de Rhys Gawain.

Ela observou o peito do pai se inflar de orgulho diante das palavras. Em seguida, tornou a mudar. Suas alterações de humor eram perigosas.

— Você tentou ir embora.

— Já disse antes, papai, que só tive a esperança de encontrar a minha mãe e trazê-la de volta para casa. — As mentiras só deixavam Olwyn mais ciente do íntimo desespero por sua submissão ao próprio destino. Quisera escapar, planejara isso por tanto tempo que havia sido a única coisa que mantivera sua sanidade. Mas após a noite em que os cães a atacaram, ela não tivera mais coragem para tentar novamente. — Não tenho sido uma boa menina? Feito tudo o que tem me pedido?

O silêncio pairou entre pai e filha, e ambos se entreolharam longamente. Drystan afastou-se, ocupando-se em recolher os sacos de estopa em que os corpos haviam sido levados. Enquanto os dobrava, algo tilintou no chão de pedra.

Olwyn não se atreveu a olhar na direção do ruído, porém manteve a atenção no pai. Pelo canto do olho, viu Drystan se agachar à procura do que caíra no chão.

Sob a luz bruxuleante dos lampiões, ela viu qual foi a decisão de Rhys. Tirando a pistola da cintura, apontou-a para o pai.

— Largue a faca. No chão.

Rhys gelou. Sabia que Olwyn não erraria. Largou a faca, que caiu com um som metálico no chão de pedra. Como ela continuasse a apontar a arma, ficou zangado.

— Não pode estar levando isso a sério!

— Uma filha não aponta uma arma para seu pai se não for a sério — retorquiu ela com firmeza. — Dê um

passo atrás.

Rhys contraiu o rosto, como se tivesse sido esbofeteado.

— Você não faria isso!

— Se houver um assassinato neste calabouço, não será o desse pobre homem indefeso.

Olwyn pensou depressa, formando planos. Nada mais de ser a bruxa num casarão caindo aos pedaços. Levaria aquele homem e deixaria o País de Gales, de uma vez por todas. Como a mãe fizera no passado, ela fugiria e ninguém ali nunca mais a veria.

Todas as noites que passara sonhando em fugir serviriam, enfim, a seu propósito. Tinha tudo de que precisava: dinheiro roubado e mapas que lhe haviam sido dados pelo bondoso mercador, a única pessoa que já fora solidária e gentil com ela.

— Drystan. Pegue-a! — ordenou Rhys.

— Tente, Drystan — disse Olwyn com um sorriso e, então, falou com franqueza ao pai. — Tenho desejado atirar nele há anos pela maneira perversa com que olha para o meu corpo e por seus avanços nojentos quando está bêbado. Vá em frente e arrisque a vida do único homem que ficou ao seu lado desde que começou com sua obsessão de carniceiro. Atirarei no meio da testa desse imprestável de bom grado.

Absortos pelo momento como estavam, nenhum dos dois notou que o homem deitado na mesa entre ambos abriu os olhos. Drystan percebeu, porém, e começou a sussurrar uma prece, implorando a piedade de Deus ainda enquanto escondia o que apanhara do chão.

A voz de Rhys soou ameaçadora.

— Está fazendo um jogo perigoso, Olwyn. Baixe essa arma agora, e eu não a punirei demais.

— Afaste-se desse homem! — ela ordenou, sua voz reverberando pelas frias paredes do calabouço.

A risada de Rhys ecoou antes de ele esbravejar:

— E depois o quê? Prosseguiremos com nossas vidas e deverei fingir que a minha própria filha não apontou sua arma traiçoeira para mim e ameaçou minha vida?

— Não — respondeu ela, calmamente. — Não faremos isso. Drystan, pegue meu pai, à força ou de espontânea vontade, não me importa.

Drystan alternou um olhar entre ela, o homem deitado na mesa de pedra e Rhys, parecendo ponderar onde havia maior perigo.

— Isso mesmo, Drystan. Matarei você se não me obedecer — confirmou Olwyn com certo prazer. Retirou o punhal do cinto. — Pegue-o e coloque-o numa cela.

— Isso é loucura!

— Agora, Drystan, ou fincarei meu punhal no seu peito e ainda terei uma bala para acabar com você.

Ambos os homens sabiam do que Olwyn era capaz e intimidou Drystan, pois ele se adiantou até Rhys. O velho homem se debateu, mas Drystan era bem mais rápido e forte. Agarrou Rhys pelo braço, colocou-o na cela mais próxima e fechou a porta.

— Agora, tranque a cela e me traga a chave.

— Eu vou surrá-la até que você perca os sentidos, garota! Arrancarei a sua pele! — bradou Rhys, segurando as barras de ferro.

Olwyn, contudo, ignorou o pai.

— Carregue o homem para cima, embrulhe-o em mantas de peles e cobertores.

— Ele está acordado — sussurrou Drystan.

Olwyn baixou o olhar e viu que, de fato, o desconhecido havia acordado. Encarava-a intensamente. Perguntara-se que cor seriam seus olhos.

Azuis.

Azuis como um céu de verão, lagos cristalinos e

magníficas safiras.

Ele desviou os olhos para a cela onde o pai dela berrava, exigindo que o libertassem. Apenas arqueou uma sobrancelha de leve, com ar inquiridor.

— Você viverá — assegurou Olwyn e, como o homem não parecesse compreender as palavras, ocorreu-lhe que provavelmente ele não falava galês. Fitando-o, repetiu as palavras em inglês. — Você viverá.

Permitiu-se, então, tocá-lo de leve no braço. Ele continuava muito frio, porém estava certamente lutando pela própria vida.

Ela também lutaria, não só pela vida dele, mas pela sua também.

— E-Ele voltou à vida — balbuciou Drystan, paralisado no lugar. — Acha que está possuído?

— Pare com essas superstições ridículas! — retorquiu Olwyn, ansiosa para sair logo dali. — Ele deve ter acordado de um coma, apenas isso. — Não sabe que é comum um homem ser julgado morto, mas que, assim mesmo, ainda lhe reste vida? É por essa razão que existem os velórios, afinal.

Drystan lançou um olhar apavorado na direção em que Rhys urrava no interior da cela, amaldiçoando a filha, cobrindo-a de impropérios e questionando sua paternidade.

— Ele perdoará você — garantiu Olwyn. — É a mim que odiará para sempre.

Lançando mais um olhar cauteloso ao homem, que pareceu novamente inconsciente, Drystan ergueu-o depressa, segurando-o por sobre o ombro e não demorou a levá-lo pela escadaria de pedra.

Olwyn virou-se para o pai, que parou de gritar.

— Sei que deseja que eu fique com o senhor e o ajude no seu trabalho, porém não consigo mais fazer isso. Eu me sinto tão infeliz e solitária, que comecei a desejar a morte.

Apenas a imagem do senhor me abrindo inteira com seus instrumentos para ver como sou por dentro me impediu muitas vezes de tirar minha própria vida. — Esforçou-se para se lembrar de como o pai costumava ser antes de seu irmão ter adoecido e morrido, dia em que achava que a sanidade de Rhys morrera também. — Nunca mais voltarei aqui. Nunca mais tornarei a vê-lo. Tem algo a me dizer antes que eu vá?

Rhys apertou as barras de ferro com tanta força que os nós dos dedos ficaram esbranquiçados.

— Pode me deixar aqui com esses ratos, mas você nunca encontrará uma vida melhor. Nunca! Ninguém vai querê-la, feia como é e com essa marca que tem. Aonde quer que vá, as pessoas sentirão repulsa ao vê-la. É uma mulher hedionda e seu coração é tão feio quanto seu rosto.

— Adeus, papai — disse Olwyn num tom brando. Seus lábios tremeram, mas ela não chorou. Perdera a conta das vezes em que o pai a chamara de feia. — Providenciarei para que seja solto dentro de um dia. Até lá os ratos terão muito com que se entreter sem o incomodarem.

Enfim, virou-se na direção da escada, tentando não ouvi-lo gritar que ela jamais encontraria um homem que a amasse. Que homem algum, nem mesmo um moribundo tirado de uma cripta, seria capaz de ver além de seu rosto horrível.

A provocação final chegou até ela no alto da escada e Olwyn soube que jamais a esqueceria:

— Salvá-lo não vai fazer com que ele a ame.

Ela trancou a porta do calabouço, e, segurando as duas chaves com força, fez uma pausa para respirar fundo e tentar recobrar o controle. Não salvara o homem movida por ideias românticas. Aquilo era para garotas bonitas, o que não era seu caso. Mas, mesmo sabendo disso, não entendeu por que as palavras do pai a atingiram tão profundamente.

Não podia perder tempo, lembrou a si mesma, prosseguindo

de imediato. No salão principal, descobriu que Drystan deitara o homem diante do fogo na lareira e o cobria com mantas como ela o havia instruído. Não foi preciso apontar a pistola. Drystan parecia ansioso o bastante para que ela fosse embora e levasse o homem que despertara consigo.

Contudo Olwyn tomou suas precauções assim mesmo, enquanto examinava o desconhecido. Ele fechara os olhos, mas parecia bem menos pálido e sua pele não estava mais tão fria. Ciente de que teria de controlar Drystan o máximo que pudesse para não correr o risco de que ele soltasse os cães ferozes, ordenou-lhe sob a mira da arma para que fossem até os estábulos. Precisaria de uma das velhas carroças e do único cavalo que tinham. Na verdade, uma égua, Nixie.

Os cães estavam presos em seus cercados, rosnando e latindo. Nem sequer pareceram notar a presença de Drystan, dirigindo toda a agressão para ela. Olwyn esforçou-se para conter seu medo e tentar ignorá-los. Era o momento de agir.

Drystan ajudou-a a preparar a carroça, empacotar os itens necessários, como um saco de ração e pedaços de turfa, e atrelar a égua sem esforço algum para impedi-la, apesar da pistola. Estava obediente demais e Olwyn teve a impressão de que ele sorria consigo mesmo, como se tivesse algum plano em mente.

Pararam com a carroça diante do casarão, enquanto o dia amanhecia claro, e ela lhe disse:

— Vá buscar o homem e coloque-o na parte de trás com todas as cobertas. Coloque também alguns tijolos quentes embrulhados ao lado dele.

Momentos mais tarde quando Drystan terminou a tarefa, ela conduziu-o até um pequeno quarto sem janela que outrora havia servido de acomodação para um mordomo. Ali continha uma cama e um urinol.

— O que vai fazer comigo? — perguntou Drystan, desconfiado.

— Você verá.

Ela o trancou no quarto e lançou um olhar ao relógio no salão quando passou correndo por lá. Subiu depressa até seus aposentos e, com a euforia de uma mulher que ansiara por fugir durante anos, reuniu todos os seus pertences.

Alguns sacos de roupas já estavam arrumados. Colocou-os junto à porta com uma bolsa de pano grosso que mantinha pronta para uma fuga. Continha seu saco de dinheiro roubado, duas garrafas de uísque, o livro de poesia que havia sido o favorito do irmão e um saquinho com incenso.

Arrancando as cobertas e lençóis da cama, enrolou-os numa trouxa. Pegou velas e um lampião, mais um par de botas grossas e um de sapatos.

Foi preciso descer duas vezes para levar tudo até a carroça. Por fim, foi ao quarto do pai, furtando um velho manto, um camisolão de lã e dois pares de meias grossas. Rhys não tinha muitas roupas, e foi tudo o que ela conseguiu encontrar, mas as peças ajudariam a aquecer o homem nu.

Numa ida à cozinha, ela reuniu rapidamente broas de centeio que assara no dia anterior, queijo, figos secos e dois sacos de nozes. Apanhou também o pote de mel, chá, um pedaço de toucinho e uma jarra de água. Depois que acondicionou tudo nas laterais da carroça, cobriu suas provisões com os encerados.

— Está acordado? — perguntou ao homem no idioma dele. — Consegue falar?

Ele abriu os olhos por um breve momento, e Olwyn teve a impressão de que continham medo.

O fato de olhá-la o deixara horrorizado? Seria ela mesmo assim tão feia?

Não havia espelhos no casarão e, até então, ela vira sua imagem apenas na forma de um reflexo distorcido num

balde de água.

Os aldeões a repudiavam, mas ela esperara que fosse porque a julgavam uma bruxa, não porque fosse deformada. Bem, não importava. Enfim, estaria livre de seu pesadelo e ainda salvaria a vida daquele homem.

Deixando-o mais uma vez, voltou ao casarão para lidar com Drystan. Depois de cuidar de seus preparativos, destrancou o quarto e encontrou-o sentado na cama do quarto com ar despreocupado e um sorrisinho nos lábios.

— O que está tramando?

— Nada, menina. E por que pergunta, se estou fazendo tudo o que manda enquanto aponta essa pistola para a minha cabeça?

Em vez de responder, ela lhe entregou uma garrafa do uísque que ele adorava.

— Beba.

Drystan examinou a garrafa com desconfiança, embora lambesse os beiços como um homem sedento diante de um oásis no deserto.

— Não é dia de pagamento.

— Isso será melhor do que amarrá-lo com cordas e mais prazeroso para você. Vá em frente. Beba. Amanhã, quando estiver sóbrio o bastante para arrambar a fechadura, encontrará um bilhete na mesa da cozinha junto com a chave da porta do calabouço. Leve-o até lá e o meu pai o lerá para você. O bilhete diz onde coloquei a chave da cela dele.

Drystan começou a beber o uísque vorazmente.

— Bem — disse entre uma golada e outra —, se você está me obrigando a isto, não tenho escolha.

Com as canções de um embriagado Drystan ecoando do quarto onde o deixara trancado, Olwyn apanhou as rédeas

de Nixie e conduziu a carroça a um passo rápido. Sentia o coração leve, radiante. Não pensou nos riscos envolvidos, ou em preço algum a pagar. Essas eram preocupações para um outro momento.

Agora, só queria pensar em como era bom estar livre, fugir da loucura do pai e de uma vida infeliz. Sem olhar para trás, consultou seus mapas, olhou para o horizonte e guiou a carroça para o Sul, desfrutando, pela primeira vez em seus vinte e três anos de idade, apenas a indescritível sensação de liberdade.